

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

BIBLIOTECA

## Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

### NA TERRA CONGOLESA

O que esperava as Irmãs, não era nem um belo convento, nem mesmo uma pequena casa de tijolos. Tal qual como os Padres, as religiosas tiveram no início, por capela, convento, escola, etc., outros tantos «chimbecks», isto é, grandes cabanas de terra batida sem andar superior, cobertas dum espesso tecto de côlmo.

Mal tinham acabado de tomar posse da sua nova habitação, quando a febre se lhes veio apresentar como visita bem importuna. No principio o clima congolês não era conhecido nem tão pouco as suas exigências, razão pela qual os brancos tinham muitas vezes dificuldade em se aclimatar. Todavia as missionárias deram-se bem e adaptaram-se com uma relativa facilidade.

O pequeno convento de Nossa Senhora

de S. Lambert foi inaugurado na festa da Imaculada Conceição de Maria, a 8 de Dezembro de 1896. Nesse dia houve uma primeira Missa tão solene quanto possível na capelinha, pobre sim, mas muito graciosa com as flores selvagens e as magnificas trepadeiras colhidas na grande floresta; foi também nesse dia que uma das missionárias pronunciou os seus votos perpétuos, oferecendo-se a Deus para sempre, prometendo trabalhar com o fim de lhe conquistar almas, as almas desses negrinhos por causa dos quais se encontrava nesse território longínquo do Congo. Sim, almas, muitas almas! E ainda no dia da sua festa, a Santíssima Virgem lhe enviava doze negrinhas conduzidas ao convento por brancos que, enquanto as religiosas não chegavam, as tinham recolhido numa estação vizinha. A-pesar-de terem já alguns dias de convi-

vência, e não eram assim tão poucos, com os brancos, como eram ainda selvagens! Isso para começo dum orfanato não era sem dúvida coisa banal. Não somente havia a necessidade de aprender tudo, mas também as queridas negrinhas, saídas da mata, sonhavam com uma única coisa: regressar de novo a ela, reclamando em altos gritos a sua liberdade.

Para que sentissem amor pelo seu «chimbeck», um palácio ao lado da miserável choça que lá deixaram, que dose de paciência não foi precisa!... Mas uma gaiola, embora dou-rada, para a avezinha é sempre uma prisão.

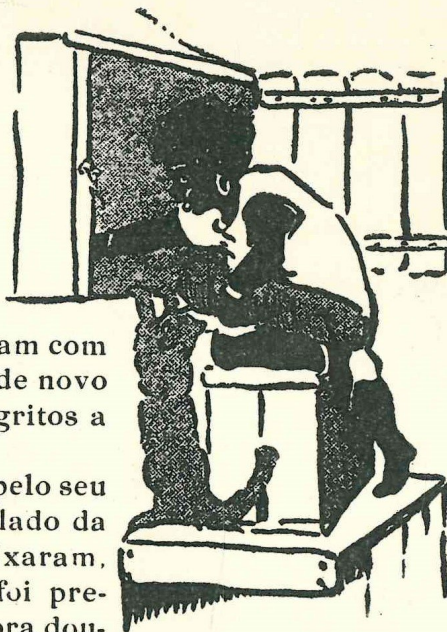
Não obstante habituaram-se e não tardou que encontrassem a sua vida a melhor do mundo. Porém os defeitos das nossas pequenas selvagens não tardaram a expor-se ao forte e belo sol. Não vamos enumerá-los aqui, sem dúvida. A influência da religião e o socorro da graça haviam de destruí-los sensivelmente à medida que estas crianças trabalhassem para se tornar cristãs.

Então a história de Molela é um espécimen no meio de tantas outras!...

Entre as primeiras crianças chegadas à Missão, havia duas que eram, empregando os termos próprios, requintadamente ladras; para elas roubar era muito simplesmente apossar-se com esperteza de tudo quanto cobiçavam, e ir depois escondê-lo no bosque, num lugar bem conveniente e quando muito lhes apetecesse, correr até lá para satisfazer os seus desejos.

Um dia pois, Molela, já farta de saborear as iguarias europeias, mete-se a ocultar na dispensa, abre o armário onde se guardava a comida, agarra em tudo o que encontra e depois de fechar a porta cuidadosamente, escapa-se muito sorradeira.

No dia seguinte pela manhã, depois da



Missã a Irmã vai direita ao armário buscar as provisões, um único pão e metade dum queijo.

A porta estava atada como de costume com um fio, mas que surpresa, lá dentro não havia nada...

Uma hora depois aproximadamente, dois rapazi-nhos que andavam na escola da missão, traziam triunfalmente ao convento, as cô-deas do pão e as cascas do queijo.

A larâpiazinha tinha achado o miôlo muito bom, muito mole, mas receando

talvez quebrar os brancos dentinhos com as cô-leas muito duras, deitara-as muito simplesmente para o bosque. Pouco tempo depois, com o ar mais cândido dêste mundo, voltava do seu passeio.

«Então, Molela, o pão e o queijo eram bons? Gostaste?»

— O pão? O queijo? Eu não vi...

— O quê? Não foste tu quem roubou o pão e o queijo do armário?

— Não, eu não fui, foi o criado do Padre.  
— Oh! que descarada! E tens ainda a audácia de juntar ao roubo a mentira!»

Antes de se tornar uma boa cristã, Molela praticou muitas façanhas como esta e outras ainda piores!...

## O TERRÍVEL CHEFE IKADJA

Dissemos que a Missão de Nova-Antuérpia se estabelecera muito perto duma tribu de negros os bangalas, pescadores e guerreiros de grande reputação. Como a maior parte dos negros, tatuam-se e a sua tatuagem é muito característica; é uma espécie de crista de galo desde a ponta do nariz até ao alto da cabeça e uma imitação de fôlha de palma sôbre as fontes. Afiam os dentes e o seu vestuário é dos mais rudi-

mentares; consta duma tanga em casca de árvore, mas que o contacto com a civilização tende cada vez mais a substituir por tecidos mesmo europeus; usam um ou dois colares de pérolas, de dentes de homens ou de animais, de garras de feras, etc.; nos braços trazem grossas pulseiras de cobre e argolas nos tornozelos. São estas as jóias dos bangalas. Quando vão para a guerra armam-se de duas ou três lanças envenenadas e de grandes escudos ovais.

Actualmente bastante pacíficos, não o eram no tempo em que as missionárias chegaram! E depois eram pagãos e selvagens sem igual, tendo por maior delícia a carne humana; saborear os seus compatriotas negros era um caso muito vulgar, mas quando podiam apanhar um branco, o festim então era soberbo.

Estes antropófagos bangalas tinham por chefe um homem de grande musculatura, de feições cruéis, e olhar perverso. Recebera muito mal os Padres de Scheut, mas o seu furor redobrou, quando viu desembarcar as Irmãs. Já não ia ser o senhor no seu domínio?...

Muitas vezes viam-no rondar em volta da aldeia cristã, com o seu terrível cacete na mão, jurando e praguejando que havia de fazer desaparecer todos os brancos e brancas que encontrasse. Se bem que de maus instintos em qualquer ocasião, Ikadja era-o dez vezes mais quando tinha esvaziado a cabaça de vinho de palma; nesses momentos conservava-se horas inteiras de emboscada diante do frágil convento e dizia com uma voz capaz de fazer entrar os



liões nos seus covis: «Que uma só apareça e mato-a!»

Sair nessa altura seria lançar-se nas garras da fera; as Irmãs felizmente, não estavam ao seu alcance; as portas tinham sido bem trancadas e as janelas fechadas. Todavia com uma facilidade imensa as arrombaria, se quisesse, com o pesado cacete. As religiosas esperavam, orando, que cansado de fazer sentinela, fôsse dormir para a floresta.

Aconteceu isto não somente uma, mas quantas vezes!

Um dia, inesperadamente, Madre Maria do B. Rizzier e a sua companheira encontraram-se frente a frente com Ikadja à entrada da aldeia. Que se iria passar? Fugir? As religiosas não tinham já tempo para isso e depois queriam ser valentes e mostrar a êsse pagão que as missionárias não tinham medo dos pobres negros que se propunham evangelizar e que pelo contrário todo o seu desejo era fazer-lhes bem. Foram direitas a êle e ofereceram-lhe um punhado de sal.

É preciso saber que no Congo, o sal, importado da Europa, é extremamente raro; por isso é uma verdadeira guloseima para os negros que o trincam com não menor prazer do que aqui se trinca um torrão de açúcar ou um bombom.

Perante uma oferta tão preciosa, Ikadja solta uma gargalhada, estende a grande mão negra muito aberta para o receber, enquanto a outra brande o terrível e inseparável cacete, depois esboça acanhadamente uma espécie de cumprimento e afasta-se.

Queria isso significar

que a paz estava feita entre os missionários e o chefe dos bangalas? Ainda não, mas a partir desse dia pareceu um pouco menos intratável; de vez em quando vinha à Missão solicitar um presente, mas à menor contradição ou mesmo sem motivo, recomeçava as suas ameaças pavorosas.

Contudo tornava-se necessário cativar essa tribo. Uma vez que Madre Maria do B.



Rizzier tinha enchido de sal a mão do chefe Ikadja, eis o que ela lhe propôs:

«Precisamos de gente para desbravar a terra em volta da casa; manda-nos algumas mulheres para esse trabalho e eu própria, em troca, dar-te-ei por cada uma um lindo pedaço de pano.»

O negócio ficou assente! Foram-lhe emprestadas quatro mulheres, mas sempre desconfiado, quando lhe parecia vinha rondar por ali perto.

As mulheres, felicíssimas junto das Irmãs, que nunca lhes batiam e as ensinavam docemente a trabalhar, conheceram assim um jugo mais suave que o do seu senhor e não tardou que se deixassem conquistar pela sua confiança. Nelas encontraram verdadeiras protectoras.

Desde então, à noite, umas vezes lá ao longe, outras nos bosques mais próximos, ouviam-se gritos desesperados, clamando:

«*Mamelo! Mamelo!*» (Madre!)

Seria alguma infeliz que moída pela pancada bradava por socorro? Mas quem sabe também se não seria alguma armadilha do chefe para atrair as religiosas ao bosque, e como era de noite, apoderar-se delas?... Era uma coisa muito admissível e para temer; por isso a prudência exigia reserva e a-pesar-do grande desejo de correr em defesa dessas pobres mulheres, as Irmãs não se mexiam. Dias havia, em que, pela manhã, chegavam ao convento cobertas de feridas, por êle as ter perseguido dando-lhes facadas ou azorragado com uma chibata. Pediam então às Irmãs que as tratassem e ganhando cada vez mais confiança, recorriam à sua

bondade; esta havia-as conquistado plenamente, não se mostrando já desconfiadas como a princípio. Se mesmo alguma receava por qualquer motivo as chicotadas ou a faca do chefe, corria a implorar refúgio ao convento.

Decorridos alguns instantes, o senhor vinha reclamar a sua escrava; esta que já tinha fugido para o bosque, muito escondida, esperava que a cólera do chefe passasse.

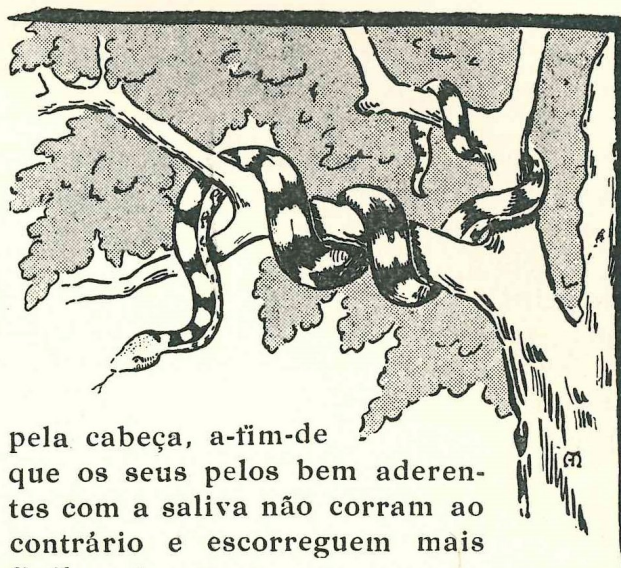
(*Continua*).

## O Missionário e a gibóia

**A** gibóia, vós bem o sabeis, é uma serpente prodigiosamente grande, de seis e até mesmo de dez metros de comprimento, grossa como um homem, de côr castanha, amarela e negra. A cabeça achatada é relativamente pequena; não tem nem dentes nem veneno, mas a bôca largamente fendida, tem a propriedade de se abrir desmesuradamente.

Vive nos países quentes, América do Sul, África, Índia ou Birmânia e gosta especialmente das florestas virgens, habitando nas cavidades das árvores velhas. Acossada pela fome, a gibóia arrasta-se por entre as canas dos pântanos ou então suspende-se nos ramos das árvores, e aí espera a sua presa. Acontece passar por ali um antilope, uma lebre ou qualquer outro animal, mesmo um homem? Deita-se sobre êle com violência, enlaça-o com os seus anéis, parte-lhe os ossos, tritura-o por assim dizer. Quando o tem já bem esmagado, unta-o com a baba viscosa, e em seguida abrindo a enorme bôca e dilatando os flancos engole-o lentamente,

inteirinho, sem lhe causar a mais leve arranhadura. Verificou-se que a gibóia engole sempre um animal começando



pela cabeça, a-fim-de que os seus pelos bem aderentes com a saliva não corram ao contrário e escorreguem mais facilmente.

Durante o tempo da digestão, principalmente quando se trata de presas de grande tamanho, ficam adormecidas num sono profundo. É então que se podem aproximar delas e matá-las. No entanto não há grande vantagem em fazê-lo, porque prestam grandes serviços, destruindo os ratos e outros roedores.

Atacam o homem muito raramente, mas isso acontece algumas vezes, e como prova temos a história seguinte, que aconteceu a um missionário.

Passou-se na Birmânia há já alguns anos.

O missionário partira de manhã cedo, logo depois da Missa, para visitar os doentes duma aldeia bastante desviada da Missão.

Para lá chegar era preciso atravessar a floresta. O atalho era estreito; a luz coava-se pelas grandes árvores que entrelaçavam os ramos por cima do caminho; à direita, à esquerda havia *bosques* impenetráveis. O cão do missionário, satisfeito com o passeio, corria à frente, levantando por vezes o focinho para ladrar a um galo selvagem, ou farejando sobre o solo o rasto dum veado.

O Padre caminhava sem receio, rezando o têrço. Absorto na oração, nem sequer viu por cima de si uma enorme gibóia que se baloiçava nos ramos duma árvore. De repente é lançado por terra e enleado por uma fôrça estranha da qual não se podia desembaraçar. Envolve-o qualquer coisa fria e e viscosa; a gibóia prendera-o nos seus fortes anéis e arrastara-o para junto duma árvore com o fim de o moer bem aí, antes de fazer dêle o seu pasto. O missionário solta um grito, mas de que lhe vale chamar? Quem o poderá ouvir naquela solidão? É verdade que a aldeia não está muito longe, mas a sua voz perde-se abafada nas matas. Aperta o têrço, quer ainda mais uma vez beijar-lhe o Crucifixo, mas já não se pode mexer. A serpente algema-o como a um prisioneiro.

«Maria Imaculada, ajudai-me! murmura êle. É possível que me abandoneis, Vós que esmagastes a cabeça da serpente infernal?!»

O cão vendo o dono em tal perigo não sabe que fazer; ladra, rosna, uiva com desespero e depois, de repente, parte, direito como uma seta, chega à aldeia e atravessa-a como um louco. As pessoas ao vê-lo, dizem entre si: «Mas, o que terá o cão do Padre?»

— Aconteceria alguma desgraça?»

O esforçado animal corre até casa do catequista, vai direito a êle, puxa-lhe pelo *longi* (pedaço de tecido pôsto em forma de saia), parece chamá-lo, tanto o seu olhar é suplicante.

Embora os habitantes da Birmânia se-

jam calmos, Paulo, o catequista, presente uma desgraça, segue o cão a tôda a pressa. Êste retoma a sua corrida, voltando-se constantemente e ladrando como que para lhe fazer acelerar mais o passo e dizer-lhe:

«Corre ainda mais!

O catequista inquieto redroba o mais que pode pelo atalho, por entre a vegetação e vê enfim o seu querido missionário, o Padre da sua alma, encostado à árvore onde a gibóia continua a apertá-lo. Está imóvel, tem os olhos fechados e os lábios entreabertos.

Felizmente, os birmanes trazem sempre pendurado na cintura, o *dah* ou grande faca, uma espécie de espada; tira-a, e num gesto rápido, corta a cabeça da serpente.

Lentamente, os anéis do réptil vão-se abrindo. Paulo liberta o missionário, estende-o no caminho, faz-lhe mover os braços, abrir e fechar a bôca; o cão geme junto deles, lambe os pés e as mãos do seu dono.

Emfim, o peito ergue-se num movimento respiratório e pouco a pouco volta a si.

«Boa Mãi, eu sabia muito bem que me envarieis socorro, murmurou êle simplesmente. Em seguida dirigindo-se ao catequista: «Vamos, meu amigo, agora sigamos para a aldeia. Tu dirás aos meus cristãos que venham buscar esta gibóia; com ela farão um bom jantar mas sobretudo agradece comigo à SS.<sup>ma</sup> Virgem, pela protecção que me dispensou.

— Sim, Padre, pois foi um verdadeiro milagre, disse Paulo. Vossa Reverência podia ter sido abafado vinte vezes durante o tempo que gastei para chegar até aqui.



## O MELHOR LUGAR

○ Asilo de Rangoon conta já um pequenino grupo de crianças leprosas. É bem triste na sua idade, estar já atingido por êsse terrível mal, não é verdade? Mas elas são tão alegres, tão cheias de vida, que parecem nem sequer pensar no longo futuro de sofrimento que talvez as espera! Um pouco como todo o birmane, vivem a vida presente, sem se preocupar muito com o dia de amanhã. Além disso, as Irmãs que delas se ocupam, procuram cuidadosamente tomar-lhes todo o tempo e distrai-las o melhor possível; e os dias assim tão bem repartidos, entre trabalhos, jogos e leitura para as crianças mais crescidas e estudo para os mais pequenos, chegam a passar mesmo muito de-pressa. Desde que em Rangoon há uma nova capela, muito linda e grande, a antiga transformou-se numa sala de leitura e de jogos, servindo também para as lições de catecismo e de canto. As mais novas têm a sua sala à parte, que dá para um magnífico prado utilizado para futebol, corridas e outros jogos.

Estes pequeninos leprosos, — tôda a gente o sabe e ninguém sente inveja por isso — têm um pouco a preferência da Madre Superiora. É natural, pois não é?

Ora, eis que outro dia, a Madre Superiora recebeu da Europa, com outros presentes, um belo crucifixo.

«Isto ficaria muito bem na sala dos rapazes», pensou ela. E se bem o pensou, melhor o fez.

Imaginem, se podem, a sua felicidade ao receber um tal presente! Logo que a Madre Superiora saiu, começaram a discutir qual seria o melhor lugar para colocar o

«Bom Jesus». Não foi coisa fácil, porque cada um tinha voz na questão e queria fazer prevalecer as suas ideas. Finalmente como já havia na sala o retrato do Fundador do Asilo, concluíram que o melhor seria collocá-lo por cima dele. Havia o inconveniente de ficar muito alto, quási no tecto.

A Madre Superiora, no dia seguinte, viu-o ao fazer a sua pequena visita habitual.

Porque não o puseram em frente, ali ao meio, entre as duas janelas? É o lugar de honra também, e vê-lo-iam melhor.

«É que... é que...»

Entreolham-se, mas ninguém tem coragem de terminar a frase.

«Vejamos, porque é que não gostam?...»

O último recém-vindo decide-se emfim.

«*Mamà* (Madre), é que não está bem dêste lado.

— E porquê?

— Porque... quando estamos deitados, temos os pés voltados para lá e... julgo que é uma falta de respeito para Deus!»

É um pagãozinho, eco doutros pagãos e católicos, que fala assim.

A Madre Superiora tranqüilizou-os então, e explicou-lhes que estando o Crucifixo a uma certa altura, não era faltar ao respeito ter os pés naquela direcção.

Pelo contrário, vê-lo-iam melhor e assim pensariam mais facilmente nêle, mesmo dormindo.

Esta idea encantou-os.

O Crucifixo foi imediatamente mudado de lugar, e agora os pequenos leprosos gostam de o ver ali, como um grande amigo, testemunha dos seus trabalhos, dos seus jogos e mesmo do seu repouso.

## O problema de adaptação

**O**S pequeninos das obras de Quebec-Saint-Malo manifestam pelas questões missionárias tanto interesse como as pessoas grandes. Por isso todos querem naturalmente ir para as Missões.

«E a Irmã vai partir?

— Desta vez, com certeza.

— Então eu irei consigo, porque se espero para depois será muito tarde.»

De-repente José tem uma outra ideia:

«Mas antes de ir queria comprar um pretinho.

— Quere dizer que desejava ser seu padrinho, não é verdade? Que nome lhe punha?

— Não, Irmã, é para ter aqui, e eu mesmo o baptizarei...

— Oh! é muito pequenino para isso e aborrecer-se-ia no Canadá.

— Não aborrecia, porque eu brincaria com êle e distraí-lo-ia; tenho muitos brinquedos em casa.

— Mas êle não fala francês e depois ficaria intimidado por ser aqui o único de côr negra; deixe-o crescer lá na sua terra.

— Não, não, não... Quero-o já e aqui; far-me-ei compreender por meio de sinais e para me parecer com êle pintarei o rosto com graxa.

## O cúmulo da dedicação fraterna

**O** Manuel Maria e o Joaquinzinho estão hoje muito bem comportados. O facto é para notar, porque é raríssimo.

É que chegou o último número dos Anais missionários, e o mais velho dos dois irmãos explica ao mais novo as gravuras, pois o texto é demasiado extenso e obscuro para estas inteligências infantis.

«Vês, Joaquinzinho mais tarde, serei como aquêle.

— Ah! queres ser missionário como o irmão do papá!

— Missionário, sim, é uma coisa definitivamente certa. Mas isso será apenas o princípio.

— Ah! e para terminar que queres tu ser então?

— Para terminar, serei mártir!

E um estranho fulgor brilha nos olhos do pequeno apóstolo.

«Sòmente... há um contra... — E o seu olhar perde-se ao longe.

«Tu não sabes o que me preocupa a êsse respeito? continua êle. É que se nós próprios nos martirizamos, isso não vale. E então, se os negros me não quiserem fazer mal...»

Segue-se um longo silêncio a esta confidência.

Mas o irmãozito, súbitamente inspirado, diz entusiásticamente.

«Não te preocupes, isso é muito simples; nesse caso, far-me-ei um bandido para te matar!»